

Electricidade

Director / Editor: Dr. Eng.º
Hermínio Duarte-Ramos

Secretária / Secretary: Eugénia
Pimentel

Redacção / News Editor: Liberta
Tavares

Publicidade / Advertisement:
Maria Carvalho

Propriedade / Publisher:
Empresa Editorial
Electrotécnica Edel, Lda., Lisboa
Contr. Fiscal n.º 500 504 318

**Administração, Redacção e
Publicidade /**
**/ Administration, Editorial and
Advertising:**

Rua Dona Estefânia, 48 - 3.º,
Esq., 1000-156 Lisboa, Telef.:
(351-1) 314 86 08; Fax: (351-1)
356 16 40

**Composição, Montagem e
Impressão / Printing:**

OMNIGRÁFICA - Artes gráficas
Rua do Norte, 27-CV - 2695-001
Bobadela Lrs
Tel. 955 99 89 - Fax 955 98 93

Tiragem / Circulation: 4000
exemplares, 80% em Portugal e
20% no estrangeiro.

Preço / Prices: Portugal: Avulso
650\$00 ou 3.2 euros (IVA incluído),
6000\$00 ou 29.93 euros (IVA in-
cluído); *Abroad: Issue* US\$13,
Annual Subscription US\$130.

Depósito legal: 5472/84

Registo internacional: ISSN
0870-5364

AUTORES: Originais dactilo-
grafados, com resumo em portu-
guês e inglês, desenhos a tinta e
legendas em todas as figuras e
quadros.

RESPONSABILIDADE: As
opiniões expressas nos trabalhos
assinados são da inteira respon-
sabilidade dos seus autores.

REPRODUÇÕES: São proi-
bidas quaisquer reproduções sem
prévia autorização do Director
e sem referência à revista
ELECTRICIDADE.

PROMOTOR: Grupo EDP.



ASSOCIAÇÃO
DA IMPRENSA
NÃO DIÁRIA

Hermínio Duarte-Ramos
Editor de ELECTRICIDADE



As Novas Universidades

Falar hoje de novas universidades em Portugal não tem a expressividade de há 25 anos, quando se instituíram as primeiras universidades para além do paradigma tradicional no triângulo Lisboa-Coimbra-Porto. Nessa altura, apenas se criaram novas universidades públicas: um reforço na capital, com a Universidade Nova de Lisboa, e o aparecimento dos desenvolvimentos no Minho (em Braga e Guimarães), Aveiro e Évora. Depois surgiram outras reivindicações legítimas, em centros populacionais carenciados do importante suporte formativo a nível superior, como aconteceu no Algarve (sobretudo em Faro), em Trás-os-Montes e Alto Douro (ou Vila Real) e na Beira Interior (concretamente na Covilhã).

Entretanto deu-se o advento das universidades privadas. E elas aí estão, umas radicadas num local próprio (caso da Universidade Atlântica, em Oeiras) e outras disseminadas por vários polos (como a Universidade Lusíada, em Lisboa, Porto e Famalicão). Hoje são muitas as novas universidades de estrutura lucrativa que existem em todo o território. Só algumas se abalançam a propor cursos de engenharia, particularmente em electrotécnica, mas a verdade é que já passou o tempo em que o estudo de um filho obrigava à migração de todo o agregado familiar para uma cidade distante da sua organização de vida social.

Os elevados custos infraestruturais exigidos pela pedagogia e didáctica em engenharia fizeram com que as universidades privadas limitassem muito a oferta de licenciaturas do tipo tecnológico. Por sua vez, as novas universidades públicas encontraram aí uma força muito intensa para se impor como instituições nacionais, ainda que estruturalmente regionalizadas. A universalidade da ciência e tecnologia concede essa tónica globalizante, a par dos esforços dos docentes que articulam as suas actividades numa rede mais vasta, mesmo no âmbito internacional.

Esta tendência geral das novas universidades públicas, seguindo o resto das universidades tradicionais, é uma característica natural das aspirações dos docentes. As respectivas instituições nada mais têm a fazer do que proporcionar condições, aliás justas e inegáveis, para que os seus professores e investigadores pugnem por bem produzir e melhor divulgar os resultados do trabalho diário. Deste modo, as novas universidades, no decurso do tempo, vão construindo o prestígio que lhes dará o merecido lugar no contexto civilizacional. Em concorrência aberta, solidariamente e sem preverções hegemónicas.

A questão está em dispor das referidas condições de produção e divulgação de bom trabalho, ou seja, investigar livremente novos conhecimentos, acumulando assim o saber, e ensinar criticamente as modernas ferramentas de acção societal, divulgando as vertentes consolidadas dessas discussões críticas. Por um lado, é necessário dispor de meios didácticos que proporcionem a aprendizagem; por outro lado, torna-se indispensável possuir veículos de transmissão daquilo que se constrói. Devem existir laboratórios adequados aos objectivos científicos prosseguidos e às dimensões populacionais; mas também não se dispensam estruturas de apoio à difusão dos valores incrementadores do alfofre cultural.

Uma nova universidade, actualmente, tem de atender a aspectos dantes ignorados. Já não constitui novidade nenhuma serem exigidos os espaços requeridos pelo *numerus clausus* e o mesmo se passa em relação

aos correspondentes docentes. O pensamento moderno generalizou o pressuposto da investigação científica, para se atingir o indispensável nível universitário. Todavia, emergem outras exigências, sobretudo consequentes da liberalização concorrencial, onde pontua a real avaliação das actividades desenvolvidas.

Estou a pensar em estruturas de apoio comum, quer internamente quer sob o ponto de vista externo e até internacionalizante. Elaborar propostas de projectos com credibilidade, para que se enquadrem sadiamente na plataforma da concorrência, deixou de ser obra de amadores. Depois vem o jogo dos *lobbies* e a necessidade de criar agentes de intervenção, a fim de possibilitar eventuais êxitos nas limitações dos concursos a verbas financiadoras. Em regime permanente.

Para além do trabalho fundamental que se segue ao arranque de um projecto científico, acaba por surgir a vantagem de difundir os resultados obtidos. Aí evidencia-se importante a existência de editoras com dispositivos vivos, que promovam a respectiva divulgação pelos meios mais adequados, tanto livros e revistas ou outros veículos de comunicação impressa, bem como a formatação nos modernos sistemas de informação multimédia. Eis outra estrutura de apoio comum cada vez mais urgente, onde existam profissionais que complementem o labor essencial dos docentes universitários.

A título de exemplo, a revista ELECTRICIDADE orienta a sua acção nesse sentido, funcionando como meio nacional de difusão, em língua portuguesa, dos projectos em engenharia electrotécnica que decorrem em Portugal. A presente edição testemunha este objectivo com dois trabalhos provenientes de uma nova universidade da Beira Interior. É um sinal positivo do esforço que todos empreendermos em comum. E que deve perdurar, se possível, mais consistentemente. **E**